



É O TREM DO RJ: AS RELAÇÕES HUMANAS NOS VAGÕES DO TREM & ESTAÇÕES DA SUPERVIA NOS ENSINANDO A TRANSGREDIR

*Antonio Marcos de Oliveira Filho¹
Arianne Braga Medeiros de Oliveira²*

RESUMO: Este trabalho tem como propósito investigar a educação em seus espaços formais e não formais, evidenciando que a aprendizagem está para além da escolarização e do ensino sistematizado. No cotidiano urbano, em locais de circulação coletiva — como praças, ruas e mesmo dentro de um transporte público —, há processos pedagógicos em curso, nos quais sujeitos constroem e compartilham saberes. Nesse sentido, direcionamos o olhar para os trens da Supervia, que operam em cinco linhas principais — Deodoro, Japeri, Santa Cruz, Belford Roxo e Saracuruna — e três extensões: Paracambi, Guapimirim e Vila Inhomirim. As linhas férreas, nesse contexto, podem ser compreendidas como marcos territoriais que não apenas organizam fluxos, mas também condensam práticas sociais, memórias e experiências educativas. Trata-se de uma análise territorial que reconhece os sujeitos em sua complexidade — indivíduos reais, com identidades, histórias e modos de vida diversos. Dialogando com bell hooks, especialmente em *Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade* (hooks, 1994), compreendemos que a pedagogia engajada se coloca para além da educação bancária. Diferente de uma mera partilha mecânica de conhecimento, ela implica um processo de coletividade que reconhece as realidades, humanidades e identidades. Tal perspectiva exige mudança de postura e de didática, seja do professor, seja dos demais mediadores sociais do processo educativo. Esse movimento também revela transformações no paradigma educacional: é preciso aceitar novos saberes e epistemologias, entendendo que o conhecimento não está restrito à escola, mas também à rua, à prática cotidiana, ao convívio. A oposição tradicional entre teoria e prática, ou escola e rua, perde sentido quando observamos como espaços não formais — como os vagões e estações da Supervia — tornam-se também locais de troca, produção de saber, sentido e presença. Assim, chegamos à conclusão de que, mesmo em

¹ ILE/UERJ; antonio20162011.com

² EDU/UERJ; rinnepic@gmail.com

um lugar subalternizado e exaurido de empatia, ainda é possível encontrar humanidade. Quando entramos no processo de descolonização da mente (Fanon, 1952), que é o que acontece com muitas situações no contexto deste coletivo, como a consciência de respeitar os vagões femininos e quando os artistas dos vagões pedem a permissão para se apresentarem, exercendo a prática da democracia, esses processos nos dão dados e resultados desta análise e nos dão também a permissão de continuar acreditando que “até no lixão nasce flor” (Racionais MCs, 1994).

Palavras-chave: Pedagogia; educação democrática; literatura marginal.